

PROFESSORAS PRIMÁRIAS PIAUIENSES: DA MEMÓRIA À HISTÓRIA

Marly Macedo (UFPI)

GT 11 – História, Memória e Educação

A temática ora proposta é parte integrante de uma pesquisa iniciada sobre “Memórias de professoras primárias¹ no cotidiano escolar”. Discutir esta temática é enfrentar o debate que envolve o passado, o presente e as possibilidades do futuro. Diante disso, entendemos que passado, presente e futuro são indissociáveis, e através da memória podemos interligá-los para construir o novo, o desconhecido.

Acreditamos e defendemos a importância que teve e tem a professora primária no desenvolvimento do contexto societário brasileiro. Portanto, pretendemos buscar no passado informações que favoreçam a compreensão das possibilidades e limites existentes no contexto educacional do presente momento. Daí partimos para a construção de uma história mais participada e diversificada, oportunidade em que será evidenciada a presença significativa das professoras primárias, indispensáveis na tarefa de educar, entretanto silenciadas da história da educação brasileira.

Partimos do pressuposto do quanto é difícil ignorar a participação dessas protagonistas no cenário da educação. Diante disso e das reflexões realizadas sobre a temática a pesquisa tem por objetivo resgatar memórias de professoras primárias no cotidiano escolar, que se encontravam em sala de aula nas décadas de 60 e 70 do século XX no município de Teresina(PI), buscando apreender, através de suas experiências pessoais e profissionais, do seu ingresso e formação no magistério, bem como em suas práticas pedagógicas, elementos que possam ampliar e enriquecer a historiografia da educação piauiense e brasileira.

Buscamos, assim, essas professoras pois acreditamos na variabilidade de experiências pessoais e profissionais vivenciadas no cotidiano, que certamente, estão guardadas em suas memórias, e estas nos ajudarão a compreender melhor a história da sociedade brasileira e a história da educação piauiense. A fim entendermos a memória como um documento valioso ao nosso estudo elucidamos Ferro (2000, p. 22) que afirma:

A memória é sempre uma interpretação influenciada pela experiência do presente. Todo trabalho do historiador é uma representação do passado. Mas, é além disso uma seleção do que é considerado importante. A memória constrói, reconstrói, reelabora, ressignifica o passado.

UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR CONSTRUÍDA ATRAVÉS DA MEMÓRIA

Quando falamos em memória, logo nos recordamos de fatos e acontecimentos que foram vivenciados por pessoas, em um dado tempo e lugar, e que naturalmente, se constituem em história. História essa que terá como finalidade maior, transcender geração após geração e assim contribuir para o não fortalecimento da cultura do esquecimento, tão acentuada na sociedade brasileira. Verificamos, então, que essa questão parece se expandir no universo dos pesquisadores, quando identificamos que existe uma preocupação de Nunes (2003, p. 9) quando questiona: “O que significa não abrir mão da

¹ Professoras primárias – embora a expressão esteja em desuso ainda é atribuída às professoras que trabalham com a Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª à 4ª séries).

memória?” Subentende-se que é não vivermos no anonimato, como sujeitos que não têm história e não fazem história, portanto como seres inócuos, não existentes, sem memória.

É nessa perspectiva de construção e reconstrução que teremos uma nova história, pois acreditamos que nossas ações evidenciam a nossa existência. Assim, a memória, que é pessoal e social, subsidiará a construção de modos de ação, os quais se constituem de acordo com o pensar e o agir humano. Nesse sentido, evocamos Nunes (2003, p. 14) ao afirmar que: “[...] nossas memórias são subjetivas, estruturadas pela linguagem, pela formação, pelo ensino, pelas idéias assumidas coletivamente e pelas experiências compartilhadas”. Portanto, a memória é nossa companheira inseparável. Sempre resgata do íntimo e das vivências de cada pessoa, recordações vivas daquilo que fomos e somos, construídas através das nossas experiências cotidianas.

Diante desse enfoque, adentramos no cotidiano das professoras primárias, sujeitos da referida pesquisa, para investigarmos sobre dimensões que envolvem a pessoa da professora e sua prática profissional, e assim, sabermos o que contam as professoras primárias sobre seu papel social, sua importância e influência no contexto educacional, bem como sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Somos conhecedores do quanto essas personagens foram fundamentais na formação do ser humano, às vezes, até reconhecidas como “construtoras da nação”,² ainda assim, boa parte delas ficam entregues ao esquecimento e relegadas a um plano secundário. Parece haver um paradoxo preocupante quanto à professora primária, que mesmo recebendo tal titulação representando prestígio e respeito, sofre a desvalorização da profissão, ainda maltratada pela indiferença que perdurou e perdura na história da Educação Brasileira.

Diante disso, acreditamos que trabalhar com memórias de professoras primárias é, além de produzir conhecimentos, poder dar um novo sentido à história da educação brasileira, em especial, da educação piauiense, ao tempo em que serão essas professoras as protagonistas de suas histórias. Essa participação efetiva contribui para que melhor compreendam o valor cultural que têm os fatos, os acontecimentos e os objetos existentes em um determinado tempo e lugar. É também, uma oportunidade de se reconhecerem como sujeitos capazes de fazer história, destacando sua valorização pessoal e profissional. Mas, que importância teriam suas histórias, visto não se tratar de “grandes” personagens históricos? Quem eram afinal, as professoras primárias? Por que ingressaram no magistério primário? Qual a sua formação pedagógica? Como desenvolvem as práticas pedagógicas? Qual o valor social do seu trabalho na construção da história da educação brasileira?.

Como podemos observar, são muitos os questionamentos frente a um “novo” que queremos construir. Para melhor entendermos esse cenário que envolve a professora primária, nos fundamentamos, em teóricos como Agnes Heller (1989), Michel de Certeau (1997), Denice Catani (1998), Antonio Nóvoa (2000), Cecília Cortez Souza (2000), Maria do Amparo Ferro (1994) e outros estudiosos que têm contribuído na descoberta de protagonistas ativos, capazes de construir sua própria história. Diante dessa nova possibilidade de construção histórica, que se materializa através da interação de ações individuais e coletivas, inerentes às atividades humana, buscamos nos orientar nas teorias de Roger Chartier (1990), Marc Bloch (1990), Peter Burke (1990), dentre outros que lutaram pela possibilidade do homem se libertar através de suas próprias ações. Para Burke (2001, p.11) “o que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma ‘construção cultural’, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço”.

² Termo usado para destacar o papel da professora e utilizado até como título de obra sobre o assunto. Verificar: MÜLLER, Lúcia. *As Construtoras da Nação: professoras primárias na primeira república*. Niterói: Intertexto, 1999.

Esse novo agir histórico, contribuiu e vem contribuindo para novas descobertas. Diante desse enfoque identificamos a escola como um espaço constituído de ações individuais e coletivas, que por sua vez, estão imbuídas de valores culturais diversificados expressando assim, comportamentos e atitudes dos sujeitos que compõem esse cotidiano. Para melhor compreendermos a constituição do cotidiano nos reportamos a Heller (2000, p. 17) que nesse sentido afirma:

A VIDA COTIDIANA é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. [...] É a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

Entendemos portanto, que é impossível perceber o ser humano dissociado do seu cotidiano. Por esta razão, ao trabalharmos com memórias de professoras, não podemos ignorar o contexto escolar, lugar privilegiado de memórias e propício para resgatarmos lembranças individuais e coletivas - que correm o risco de se perder - de pessoas que constituíram e construíram esse espaço. A fim de evidenciarmos a riqueza que constitui o espaço escolar, bem como o desconhecimento de alguns em relação a este espaço, as vezes por pessoas que fazem parte dele próprio, recorremos a Nunes (2003, p. 20) que menciona:

Nossos documentos escolares têm sido inúmeras vezes vistos como um amontoado desconexo do qual precisamos nos desvencilhar, o que fazemos arbitrariamente, justificados pela falta de espaço e pelo acúmulo de papel. O que falta no fundo, inúmeras vezes, é a consciência do valor histórico dos documentos produzidos institucionalmente, é a permissão ao direito à memória, que acompanha o direito à cidade e à cidadania.

Vemos então, que apesar da falta de conhecimento, por alguns, do acervo histórico cultural que constitui o espaço escolar, este por sua vez, não deixa de ser uma representação de ascensão cultural por todos que o viveram de forma direta ou indireta. Entende-se, assim, que a escola é fundamental, principalmente para aqueles que a viveram. Portanto, é um espaço constituído de recordações e que fazem parte da memória. Nesse sentido, evocamos Souza (2000, p.7) que afirma: “A escola é lugar de memória”. Portanto todos os sujeitos que por ela passam, contêm em suas lembranças representações desse espaço construídas de formas diferenciadas, que vão desde a estrutura física da escola a todos os pormenores vivenciados no cotidiano escolar. Ainda para falarmos sobre escola, repetimos as palavras de Souza (2000, p.41) que evidenciam: “Sem testamento cultural e sem escola – que indique, selecione e nomeie, que transmita e preserve, que fale onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – não pode existir continuidade consciente do tempo, e portanto, em termos humanos, nem passado nem futuro”.

Souza, deixa claro a importância da escola como acervo cultural apropriado para investigações diversas no âmbito educacional, contribuindo assim, para que não seja ignorada, desde sua estrutura física até ao quadro de pessoal que a compõe, sendo, portanto um espaço carregado de significados que podem ser construídos ou desconstruídos, conforme as lembranças daqueles que a viveram em um determinado tempo. Tempo esse identificado como histórico pois poderá ter um novo sentido através das experiências vivenciadas pelos sujeitos que dele fizeram parte e que guardaram em suas memórias recordações que podem ser materializadas no presente.

Diante da variedade de fontes que constituem o espaço escolar, escolhemos a professora primária, e identificamos a necessidade de reconstituirmos e construirmos,

através das memórias uma história, que mesmo sendo buscada no passado tem grande significado para o presente. Para melhor compreendermos essa indissociabilidade existente entre o tempo passado e presente identificamos Stano (2001, p.25) que nesse sentido afirma:

Pelo tempo se trabalha a memória e se recompõe um mundo de subjetividades que vão se fazendo na cotidianidade de um passado que permanece na lembrança e nos gestos, de reminiscências que revelam um estar-sendo porque carregado de sentidos. É neste movimento do que foi, do que se viveu, que é possível se constituir o que se será.

Podemos assim, perceber que enveredar pelas trajetórias escolares, e em especial pelas memórias docentes, é dar asas à imaginação dessas professoras que com suas astúcias, episódios circunstanciais, imprevisibilidades cotidianas, enfim, com a constituição das singularidades, contidas em cada uma, através da compreensão de si e do mundo, novas histórias surgirão. É também, poder de uma certa forma, proporcionar-lhes oportunidades de reviver e reavaliar no presente, vivências de um passado que podem refletir no futuro através de suas histórias de vida. Acerca dessa questão Nóvoa (2000, p.19) relata que:

Apesar de todas as fragilidades e ambigüidades, é inegável que as histórias de vida tem dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo cruzamento de várias disciplinas e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceituais e metodológicos.

Diante dessa afirmativa cremos que as histórias de vida não se limitam somente, a prescrições acabadas, elas vão bem além, concorrem para a construção e compreensão do conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes. Isso culmina com o “relativismo cultural” que contribui na construção da história feita por pessoas comuns, levando em consideração as diversas opiniões apresentadas por quem a fazem, deixando de lado o “consenso”, que na maioria das vezes, uma só pessoa idealiza e os demais “concordam”. Burke (1992, p. 15) nos faz refletir quando menciona que: “Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura a outra”.¹ O que quer dizer que para fazermos história devemos analisar as evidências existentes no nosso cotidiano, percebendo que as ações ocorrem tanto individual como coletivamente e que ambas têm sentidos específicos que beneficiam o fazer histórico.

Percebemos assim que esse fazer histórico é produto de toda ação humana. Nessa perspectiva, encontramos um fortalecimento nas palavras de Saviani (2000, p.8) que dá ênfase a essa questão ao dizer que: “A História emerge pois, como um problema não apenas prático, mas também teórico. O homem, além de um ser histórico, busca agora apropriar-se da sua historicidade. Além de fazer história, aspira a se tornar consciente dessa sua identidade”. É nesse sentido, que resgatamos a formação pessoal e profissional da professora primária, seu ingresso no magistério e suas práticas pedagógicas no cotidiano escolar, através das lembranças contidas nas memórias dessas professoras. Paraphraseando Chauí (apud BOSI, 2001, p.20) “[...] lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimentos, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”.

Dessa forma, resulta a construção do próprio homem, enquanto um ser de possibilidades, portanto, passível de mudanças, através de suas próprias ações. Nesse sentido, através da memória, incluindo esquecimentos, lacunas, lapsos, ruídos, emoções e sentimentos, daremos vez e voz às professoras primárias, pois sem essa participação efetiva dessas protagonistas em suas histórias, ficamos sem saber, de fato, quem foram essas “mestras” tão importantes ao desenvolvimento de uma nação, e tão desvalorizadas por esta mesma nação.

Nessa perspectiva, queremos saber mais sobre as experiências e vivências das professoras primárias, pois acreditamos que serão elas que nos ajudarão a encontrar

respostas necessárias às diversas indagações feitas, freqüentemente por nós, e por todos aqueles que se inquietam com as controvérsias da profissão docente, especificamente com o magistério primário.

Segundo Nóvoa, Pineau, Dominicé (apud BUENO, 1998, p. 12) [...] sabemos ainda muito pouco até mesmo a respeito das práticas mais comuns ao trabalho docente”. Enfim, quase nada sabemos da vida de professores, com seus saberes, suas práticas, suas imagens e representações de sua profissão, bem como da sua própria pessoa, como sujeito e como professor, seus anseios, suas angústias, seus objetivos, ou pelo menos boa parte dos aspectos que envolvem a vida e o ofício de ensinar.

Questões relativas ao magistério primário e, especificamente, à presença da mulher na função docente, têm relação com as transformações do país, que diante da mudança de uma economia agro-exportadora e implantação de uma economia industrial, necessitava de preparação de mão-de-obra para atender ao novo modelo econômico do momento, e seria a escola, a instituição mais adequada para preparar, em massa, esses profissionais. Assim a professora primária, passa a ser fundamental no cenário educacional.

Partindo desse contexto e de estudos bibliográficos, mesmo diante dessa abertura dada à mulher, mediante uma necessidade de interesses restritos, muitos foram os fatores que influenciaram o acesso dessa ao magistério primário. Enumeramos alguns como: profissão exclusivamente feminina, cultura familiar associada à cultura escolar, imposição da família por associar a profissão mais adequada à mulher, apesar de ser considerada a única forma da mulher adquirir independência financeira. Apesar dos baixos salários, era uma oportunidade ímpar da mulher se destacar na sociedade, que pressupunha autoridade e poder, o que não acontecia em nenhuma outra instância social. Todos esses fatores, por mais variados que fossem favoreciam o destaque da mulher na sociedade, que podemos confirmar com as palavras de Freitas (2000, p. 104) “a possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida garantia às mulheres a oportunidade de transcender o âmbito doméstico na busca de realização e de independência social e econômica”.

Nessa diversidade apresentada quanto à forma de ingresso dessas professoras no magistério primário, algumas divergiam de sua real intenção profissional, e assim encontramos situações em que a escolha se deu por imposição de terceiros ou por falta de oportunidade de acesso a outras profissões, condição imposta, na maioria das vezes, pela própria cultura da época. Assim, independente desses fatores elas assumiam a responsabilidade por todo um processo de formação humana, e isto lhe dava um certo destaque na sociedade enquanto formadora dos primeiros conhecimentos associados mais a valores e costumes necessários ao desenvolvimento do ser humano. Dessa forma havia uma aceitação passiva de que o conhecimento estava além da capacidade perceptiva da professora primária, portanto, para ensinar crianças não era necessário outros conhecimentos que não fossem direcionados à formação de valores morais do indivíduo. Nesse sentido, Freitas (2000, p. 103) enfatiza que:

[...] inicialmente, as habilidades a serem desenvolvidas para o exercício do magistério feminino pareciam não depender de um processo de qualificação teórico-metodológico, já que as mulheres tinham a preferência para lecionar no magistério primário sem ter acesso a escolas normais, dependendo apenas da honestidade e de seus atributos ‘ínatos’ para exercê-lo.

Verificamos, então, que mesmo não envolvendo um conhecimento mais sistematizado grande era a responsabilidade da professora do magistério primário diante do compromisso assumido perante uma sociedade que, por um lado, reconhecia a importância de sua função para o desenvolvimento dessa sociedade, e por outro lado, desvalorizava essas profissionais submetendo-as a salários irrisórios que jamais correspondiam à função e ao

valor social dessas professoras. Para melhor tratarmos dessa questão quanto à desvalorização da professora primária, diante de seus baixíssimos salários evocamos Ferro (1994, p. 55) que evidencia:

Sobre remuneração de professores, em 1767 o primeiro governador da Província do Piauí, João Pereira Caldas, consulta o seu colega do Maranhão sobre a forma de pagamento aos professores das escolas primárias, e obteve a seguinte resposta: 'Eu aqui (diz o governador do Maranhão) mando pagar os mestres das escolas o pão de farinha; porém os que têm de dois filhos nunca darão mais de dois pães'.

Na realidade os estudos em relação ao contexto sócio, econômico, político e social das professoras primárias parecem não se distanciar muito de épocas passadas.. Historicamente, essa desvalorização não mudou em quase nada. Ainda se vive este fantasma. Podemos comprovar esse fato quando Pinto (2000, p. 115-116) explicita:

Atualmente, tomando como referência a mídia em geral, é possível perceber, sem esforço, que a professora está vivendo um processo de perda da sua autonomia de trabalho [...] Depara-se com uma profissional que está sofrendo perdas diversas: salários menores, formação decadente, condições 'insalubres' de trabalho, menor poder aquisitivo, menor autoridade sobre seus alunos.

Podemos assim observar que os valores culturais marcaram, e de uma certa forma, continuam presentes na profissão docente, especificamente do magistério primário quando ainda convivemos com profissionais da educação trabalhando três turnos, sem tempo sequer, para fazer leituras e participar de cursos de qualificação e percebendo salários irrisórios, que na maioria das vezes, não é suficiente para sua sobrevivência. Essa desvalorização contribui para que a profissão docente seja relegada a segundo plano por boa parte dos profissionais que dela são integrantes. Isso se deve pela forma como foi se materializando essa profissão diante da inexistência de pessoas qualificadas para desempenhá-la, ficando a mercê de outros profissionais que passaram a exercê-la como atividade secundária, perdurando até os dias atuais. Confirmando ainda essa relação existente do passado com o presente evocamos Ferro (1994, p. 35) para relatar que:

[...] o magistério primário apresentava-se como uma função paralela e complementar à atividade profissional principal dos professores. No que tange à remuneração salarial da atividade de ensino já era baixa nesse período [década de 20], e talvez esteja aí uma das justificativas para o fato da atividade ser exercida de forma complementar, e a busca por mecanismos de profissionalização e valorização do mister.

Todos esses fatores abordados contribuem tanto para a redução da identidade dessas professoras, como também da sua auto-estima. Assim seu trabalho fica desvalorizado pela sociedade, correndo inclusive o risco, enquanto categoria profissional, de ser verdadeiramente esquecida. Entretanto, graças a Nova História Cultural, se expandiu o campo do documento histórico, em que não é mais só o documento oficial que é considerado como fonte de investigação, mas tudo que está relacionado à ação humana. Assim nos sentimos instigados a recorrer às memórias das professoras primárias, como fonte de investigação do nosso estudo, no sentido de podermos contribuir para a construção de uma "nova história" da educação brasileira. Uma história que liberte o homem das "amarras da caverna". Diante disso, só devemos fazer história "com tudo que, sendo do homem, depende do homem, serve para o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem". (FEBVRE apud LOPES; GALVÃO, 2001, p. 80). Ou seja, uma história que será construída a partir da ação do indivíduo que a vivencia, pois sendo um ser de possibilidades, é capaz de agir e interagir no contexto do qual faz parte e assim criar

novas formas de adaptar-se e/ou transformar, conforme suas necessidades. Reforçamos essa questão com o pensamento de Le Goff (2001, p. 21) ao afirmar que: “Ela pretende ser uma história escrita por homens livres ou em busca de liberdade, a serviço dos homens em sociedade”.

O PAPEL DA PROFESSORA PRIMÁRIA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Normalmente guardamos em nossas O memórias, ao longo de uma trajetória escolar, pessoas com as quais convivemos, principalmente quando essas pessoas passam a fazer parte do nosso cotidiano através de gestos e atitudes que vão se constituindo nas nossas vivências, e se materializam na nossa existência, contribuindo para a nossa identidade pessoal. Estamos nos referindo à professora primária que dentre todos os sujeitos que constituem as recordações escolares é a que tem um papel primordial na formação do ser humano. Segundo Vasconcelos (2000, p.15):

Quem viveu boa parte de sua vida em uma escola sabe também que por lá circulam afetos, emoções, calor humano, aceitação e repulsa que a lógica instrumental não dá conta de captar, mas que, por certo, são responsáveis por momentos guardados na memória de professores/professoras e alunos/alunas. Momentos que falam de solidariedade, de apoio a iniciativas e descobertas, de desenvolvimento da auto-estima e de cumplicidade. Momentos que falam de segredos carinhosamente divididos, de decisões resultantes de um ‘papo’, de mudanças no curso da vida propiciadas pela palavra amiga, pelo gesto de ternura, pela exigência que soube ser firme e vestir-se de carinho. Momentos que ficam porque são fascinantes ou porque deixam marcas tristes, impregnadas de medo, de desânimo, de perda da autoconfiança. Marcas, muitas vezes, difíceis de serem removidas.

Essas palavras de Vasconcelos, são significativas para refletirmos sobre o papel social das professoras primárias na construção e formação de valores daqueles que a elas são entregues e confiadas a uma “missão” que tem como responsabilidade construir os saberes desses sujeitos que permanecerão no decorrer de toda a sua vida. Daí a necessidade intelectual e vital de compreendermos o mundo que nos cerca, pois é através desta compreensão que percebemos as nossas ações, bem como a importância delas nos diversos contextos da nossa vida. Diante disto é fundamental analisarmos a importância da professora primária para o desenvolvimento societário, bem como a realidade vivenciada por elas, diante da situação política, econômica e social em que se desenvolveu a educação brasileira.

É do conhecimento de todos, que às professoras primárias, iniciadoras do processo formador do educando, foi atribuída a responsabilidade de ensinar aos seus alunos, a descoberta da magia das letras, seguida da escrita e da leitura, das frases e palavras, enfim das suas primeiras lições. Lições essas que envolviam não somente os conteúdos curriculares, mas todo um arsenal de atitudes, valores morais e religiosos, comportamentos padrões exigidos pela sociedade.

É salutar o papel da professora primária no processo educativo e na formação dos seres humanos. Historicamente, o magistério primário foi indicado para as mulheres por serem essas aptas a trabalharem com crianças diante dos seus instintos maternos. Entretanto, isso contribuiu para que a mulher não fosse vista como uma profissional, sendo-lhe culturalmente induzida, que para ensinar só necessitava de “dom” e “aptidão” próprios da mulher, portanto, era uma atividade relacionada à doação e entrega total, o que justificava os baixos salários atribuídos à essa profissão, passando a ser encarada por alguns como exclusividade da mulher, que não sendo esta provedora da família, poderia perceber salários irrisórios, enquanto que para o homem a atividade docente seria uma

complementação da sua renda familiar. Eis aí um dos fatores, talvez o que mais contribuiu para a gênese da desvalorização da profissão docente, especificamente, do magistério primário. Nesse sentido, Campos (2002, p. 24) assevera:

A má remuneração dos professores, que não é fenômeno exclusivo do Brasil, a falta de condições das escolas e os escassos fundos concedidos à educação refletem certamente o preconceito em relação à atividade, não considerada como um investimento produtivo relevante. Daí a pequena importância atribuída a educação, em geral, e aos professores, em particular, que não receberam, nem recebem até hoje, salários merecidos nem desfrutam de prestígios na sociedade.

Como entender esse paradoxo existente entre a importância da professora primária na formação do homem e a desvalorização econômica que lhe era imposta? Como essas mulheres professoras reagem diante dessa situação? Estariam elas satisfeitas somente pelo fato de poder contribuir para o crescimento intelectual das crianças que lhes eram confiadas? O fato de o magistério primário ter sido atribuído ao sexo feminino e da docência ser compreendida como uma atividade associada a um caráter sacerdotal, prevalecendo o espírito de doação, aspectos que, aos poucos, foram sendo repassados nos papéis que se constituem em nós, através das brincadeiras das meninas, dos valores impostos às mulheres, pela família e por todos aqueles que a vêem como um ser dotado de paciência, tolerância, dedicação e desapego aos interesses egoístas, fazem com que as mulheres, inconscientemente, assumiram a profissão docente como a única recomendável para a mulher. Para melhor fortalecermos este fato, lembramos das palavras de Catani et al (2000, p.) ao mencionar que:

Foi neste vocabulário de abnegação e devotamento, as professoras quase não tiveram lugares de dizer de seus demônios, das decepções, da mesquinha de formação, de experiência de violência que sofreram, do tédio dos cursos, da insolúvel contradição entre teoria e prática, de todo um processo que acabou, enfim, por alcançá-las, na sala de aula, numa inexprimível solidão.

Assim, a professora primária se torna indispensável na construção de novos seres civilizados que deverão ser inseridos na sociedade. Como vemos, a dimensão da responsabilidade da professora dos primeiros anos escolares chega a ser quase imensurável diante da complexidade que é o ser humano e o universo do qual ele faz parte. Será que os conhecimentos que a professora adquiriu na sua formação pessoal e acadêmica são suficientes para compreender as crianças que ela orienta? Ou só o fato de ser uma pessoa dotada de natureza maternal e espiritual já bastam para lidar com as dificuldades que poderão surgir no seu cotidiano escolar? Reforçando a discussão neste âmbito, Fontana (2000, p.146) afirma que:

Nesse contexto, ao papel social de professor, e em especial às professoras da escola fundamental, compete muito mais garantir a repetição daquelas formas de interpretação especificamente escolares do que participar de sua elaboração. Assim, a expectativa institucional em relação a elas é a de que cheguem prontas para o cumprimento de sua tarefa, ou seja, que se revelem aptas a dar conta do ritual da sala de aula e que implementem adequadamente o ofício que aprenderam como alunas.

Dessa forma a professora desenvolve a sua prática pedagógica mediante suas experiências cotidianas e suas vivências anteriores, baseadas, na maioria das vezes, naquilo que ela aprendeu com os seus mestres.

Assim, a professora primária parece não ter autonomia nas suas decisões, tampouco uma prática reflexiva e interação com seus pares. Sobre o seu trabalho e o seu papel social, ficam pois, interrogações quanto à sua contribuição na formação de seres humanos

críticos e participativos. Estaria essa profissional preparada para despertar em seus alunos a importância da educação em suas vidas? E quais possibilidades podem ocorrer através desta para posteriores contribuições nos aspectos sócio-econômico, político, cultural e ético do indivíduo? E esses alunos estariam conscientes de que certas limitações no processo educativo implicarão em prejuízos à sua vida pessoal e profissional?

Reflexões como essas são necessárias para entendermos como se dava as práticas pedagógicas da professora primária em épocas passadas, e em particular nas décadas de 60 e 70, bem como a relação entre professora e aluno, visto ser essa, também, responsável pelo o desenvolvimento das potencialidades desse aluno.

A partir dessa nova perspectiva histórica em que a ação humana é o próprio fazer histórico, vimos quão importante o papel do historiador que deixa de ser um simples acumulador de fatos. Para Reis (2000, p. 38) “Ele é um construtor, um recortador, leitor e intérprete de processos históricos”. Essas mudanças acontecem diante das inovações no campo teórico-metodológico, em que novos objetos e fontes são ampliados, assim:

O historiador não estaria mais submetido à tirania heurística. Se para Langlois Seignobos ‘sem documentos não há história’ para os Annales, ‘sem problema não há história’. É o problema e não a documentação que está na origem da pesquisa, i.é, sem um ‘sujeito que pesquisa’, sem o historiador que procura respostas para questões bem formuladas, não há documentação e não há história. (REIS, 2000, p. 38).

Diante desse enfoque descobrimos que fazer história é saber articular com um universo infinito de imprevisibilidades, principalmente, quando é o homem o sujeito dessa investigação, pois acreditamos que a história não é feita somente por “grandes vultos”, mas por todos os indivíduos que sentem vontade e até necessidade de expressar suas atividades em um determinado tempo e lugar. Assim, as professoras primárias são sujeitos importantes na construção da história da educação e, suas memórias certamente ajudarão a entender melhor a própria história da sociedade brasileira e piauiense. Portanto, é nessa perspectiva que estamos construindo uma nova história constituída de personagens, que são ao mesmo tempo, atrizes e autoras de sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Bárbara; SOUSA, Cynthia Pereira de. **A Vida e o Ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998.
- _____. Pesquisa em colaboração na formação contínua de professores. In: BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Bárbara; SOUSA, Cynthia Pereira de. **A Vida e o Ofício dos**

professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas.** Tradução de Magda Lopes. 7. ed. São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. Formação do Corpo Docente e Valores na Sociedade Brasileira: feminização da profissão. In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lúcia Gaspar da (orgs). **Feminização do Magistério: vestígios do passado que marcam o presente.** Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2002, p. 13-37.

CHARTIER, **A História Cultural – entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, S.A. Memória e Sociedade, 1990.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano.** 1994. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI, 1994.

_____. **Literatura Escolar e História da Educação: cotidiano, ideário e práticas pedagógicas.** 2000. 280 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2000.

FONTANA, Roseli A. Ccação. Como nos tornamos professoras? Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Trajetórias profissionais de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa: a construção do exercício docente (Aracajú-SE, 1920-1950).** São Paulo, Humanitas FFLCH/USP/CERU, Série 2 – 11, 2000

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O que você precisa saber sobre... **História da educação.** Rio de Janeiro:DP&A, 2001.

MÜLLER, Lúcia. **As Construtoras da nação: professoras primárias na primeira república.** Niterói: Intertexto, 1999.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000, p. 11-30.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação. In. LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Orgs.). **História e Memória da Escola Nova.** São Paulo: Loyola, 2003.

PINTO, Ana Lúcia Guedes. **História Oral**: alternativa metodológica para o resgate da memória de leituras cotidiana da professora alfabetizadora. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP/CERU, Série 2 – N 11, 2000.

REIS, José Carlos. Os Annales: a renovação teórico-metodológica e 'utópica' da história pela reconstrução do tempo histórico. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000. p. 25-49.

SAVIANI, Dermeval. O Debate Teórico e Metodológico no campo da História e sua Importância para a Pesquisa Educacional. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.) **História e História da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2000.

SOUZA, Maria Cecília Cortez C. de. **Escola e Memória**. Bragança Paulista: IFANCDAPH/EDUSF, 2000.

VASCONCELOS, Geni A. Nader. Puxando um fio... In: VASCONCELOS, Geni^a ader (org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 7-19.

STANO, Rita de Cássia M. T. **Identidade do Professor no envelhecimento**. São Paulo: Questões da nossa época. Vol. 87. Cortez, 2001.
